



**Universidade:
presente!**

UFRGS
PROPEAQ



XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

Evento	Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2019
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	MAKALISTER E A ESTÉTICA DA INSÔNIA: um estudo do rap no mundo 24/7
Autor	VINICIUS DE OLIVEIRA PRUSCH
Orientador	CARLOS AUGUSTO BONIFACIO LEITE

MAKALISTER E A ESTÉTICA DA INSÔNIA: um estudo do *rap* no mundo 24/7

Autor: Vinícius de Oliveira Prusch

Orientador: Carlos Augusto Bonifácio Leite

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Tendo como objeto de estudo o gesto estético de Makalister Antunes, *rapper* brasileiro integrante da cena catarinense contemporânea, o presente trabalho está alicerçado em um movimento de base materialista que busca perceber, dialeticamente, como as formas estéticas em análise representam ou dialogam com as contradições da etapa atual do sistema capitalista. Para tal, fez-se uso dos modelos analíticos de Tatit (2002) e Tagg (2003) na análise de duas canções selecionadas, “A Terça Parte da Noite Não Dormi” e “Breaking the Waves”, de modo a alcançar seus diferentes níveis de significação — não somente o da letra e da melodia (que se imbricam na entoação, conforme propõe Tatit (2002)), mas também o dos *beats*, dos eventuais *samples* utilizados na sua construção, e dos videoclipes de cada *rap*. Dessa forma, foi possível conceituar aquele que foi percebido como sendo o princípio estrutural da estética de Makalister, chegando-se à ideia de *insônia*. Entendida como uma espécie de imagetização da experiência histórica, as bases dessa ideia se encontram em Crary (2016), que postula que o capitalismo tardio estaria marcado por um forte movimento de colonização dos espaços de subjetividade, ócio e lazer dos sujeitos pela lógica da forma-mercadoria, produzindo certo estado letárgico generalizado. Conjugando essa leitura àquelas de Jameson (1994) e Debord (1997), chegou-se a uma ideia de insônia enquanto posição ambivalente do indivíduo na contemporaneidade: de um lado, haveria a exigência do consumo e da produtividade incessantes; de outro, a letargia mencionada acima, agindo no sentido contrário. Esse impasse, afinal, culminaria na impossibilidade da experiência, em termos benjaminianos (1987), uma vez que os sujeitos acabariam por produzir imagens de si como tentativa de síntese, resultando em um mundo vivenciado imagetivamente e em uma sociedade incapaz de elaborar seus traumas. A vivência cotidiana não poderia se fazer experiência, já que a natureza mesma da imagem é encerrar-se em si, constituindo uma força a-histórica. Concluiu-se, então, que o cotidiano sofre um processo de desrealização nos *raps* de Makalister, perdendo seu lastro histórico. De modo combinado, os sujeitos passam por um movimento acentuado de despersonalização nas canções em análise, indicando os impasses e as tensões do capitalismo tardio.